

Sujeitos entre-línguas em contextos de imigração: incidências na subjetividade

Between-languages subjects in immigration contexts: effects on subjectivity

Beatriz Maria Eckert-Hoff*

RESUMO: Este texto – integrado no projeto CNPq “Vozes (in)fames: exclusão e resistência”, coordenado pela professora Maria José Coracini (Unicamp), em intercâmbio com o programa “Casadinho-PROCAD”, financiado pela CAPES, durante o período de 2012-2015 –, propõe-se a analisar escritas de si de sujeitos imigrantes alemães do sul do Brasil por meio de recortes de cartas coletadas na Alemanha. Tendo como aporte teórico a Análise do Discurso de linha francesa que se entremeia com alguns fios da Psicanálise, nosso olhar se dirige às escritas de cartas de sujeitos entre-línguas, para mostrar o entrelaçamento das línguas na constituição da subjetividade. Nessa linha, entendemos que a interpretação é sempre um gesto de captura; o que se vislumbra são rastros do sujeito cindido, uma vez que há sempre alteridade, incorporação, não-separação. Queremos analisar os enlaces e desenlaces do sujeito na, das e pelas línguas, que revelam incidências subjetivas do sujeito entre-línguas.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Língua. Memória. Subjetividade.

ABSTRACT: The present study - integrated in the CNPq project "(In)Fames Voices: Exclusion and Resistance," coordinated by Professor Maria José Coracini (Unicamp), as a partnership with the "Casadinho-PROCAD" program, funded by CAPES, from 2012 to 2015 - proposes the analysis of German immigrants self writings, who settled themselves in the southern Brazil, through excerpts of letters collected in Germany. Under the theoretical support of the French theory of Discourse Analysis interspersed with some psychoanalysis notions, we address the writing of between-language subjects' letters to expose the interweaving of languages in the constitution of the subjectivity. Based on this research perspective, we understand that interpretation is always a gesture of capture; traces of the subdivided subject are glimpsed, once there is always otherness, incorporation, non-separation. We want to analyze the connection and disconnection of the subject in, of, and through languages, revealing subjective incidences of the between-languages subject.

KEYWORDS: Subject. Language. Memory. Subjectivity.

*“Representar todos os outros que estão em mim,
me transformar em outro,
dar livre curso a todo processo de virar outro,
virar seu próprio ser de ficção ou,
mais exatamente,
esforçar-se para experimentar no texto a ficção da identidade;
tantas tentações fortes, quase a nosso alcance”
(Régine Robin)*

* UDF/Brasília e UNICSUL/São Paulo.

*“Com a pena em punho
e com a ajuda divina escrevo
para tentar mais uma vez receber notícias
de vocês.
Já passaram em torno de seis anos que
lhes escrevi
da morte de meu querido Cristoff,
mas infelizmente não obtive nenhuma
resposta”¹
(Elisabetha Krämer inicia assim
a sua Carta, escrita em Arroio do Meio,
no dia 09 de janeiro de 1894,
ao seu irmão Adam, da Alemanha)*

1. Alinhavando a trama introdutória

Neste texto, propomo-nos a estudar a relação do sujeito com as línguas e suas incidências na subjetividade, partindo dos pressupostos: de que a língua “é elemento fundante do sujeito, nele se inscreve, nele faz morada (...), atravessa-o e o constitui” (GRIGOLETTO, 2013, p. 38); de que língua é cultura, logo, o encontro e o desencontro com as línguas nunca é ou passa incólume (CORACINI, 2007, 2014); de que a língua não é pura reprodução, nem pura descoberta de alhures, é sempre um jogo de similitudes e de afastamentos (ROBIN, 1993, 1999). Em vista disso, a relação dos sujeitos-enunciadores com as línguas não é neutra, deixa vestígios, rastros de andanças do sujeito. E são esses efeitos que objetivamos investigar.

Os recortes que selecionamos para este estudo foram extraídos de *Cartas* escritas por imigrantes alemães e por seus descendentes, do sul do Brasil, a seus familiares que permaneceram na Alemanha, datadas do século XIX e XX, coletadas em arquivos públicos e privados da Alemanha. São as vidas escritas desses sujeitos que queremos estudar, por meio dos relatos de *Cartas*, para mostrar como se entrelaçam, na língua e pela língua, o simbólico e o imaginário na constituição da subjetividade do sujeito entre-línguas, em contextos de imigração.

Tomamos o *corpus* em estudo como escritas de si, e traçar a escrita de si é rastrear inscrições no corpo, a partir da intervenção do Outro, é buscar fios que margeiam memória e esquecimento. A noção de escrita de si é aqui compreendida a partir de duas autoras: Robin e Coracini. Afirma Robin (1993, p. 10), “escrever é sempre jogar, frustrar a morte, a filiação, o

¹ “Ich ergreife die Feder um mit Gottes Hilfe noch einmal Nachricht von Euch zu erhalten. Es sind bereits 6 Jahre daß ich Euch den Tod von meinem lieben Cristoff gemeldet habe aber leider keine Antwort erhalten habe” (tradução nossa).

romance familiar, a História”, descortinar, por sua faceta de aprisionar o que escapa, o que se mostra fugaz. No dizer de Coracini (2010, p. 31), escrever é

cortar a folha (papel, que é também vegetal...), levantar a pele das palavras, fazer incisões, cortes, enxertos, in-serções de si no corpo estranho do outro – palavra, texto, que é sempre do outro e sempre meu ou de quem escreve, de quem assina –, transformando, deformando, degradando, com legitimidade – afinal, o autor se sente “dono” da língua – o corpo ou o *corpus* (defunto, morto).

Assim, entendemos a escrita das *Cartas* como incidências no corpo da linguagem e no corpo do sujeito falante, incidências que se marcam entre cortes e suturas: ao mesmo tempo em que o eu se vela e revela, há o desvelamento do eu. E esse velamento-desvelamento do eu, Derrida (2001) compara com a metamorfose do bicho-da-seda, que, segundo ele, não é uma figura qualquer, pois enrola nele todas as suas histórias com relação à verdade, ao jogo revelação-ocultação na tecitura.

O que o autor coloca em questão é que

o animal nomeado bicho-da-seda produz vegetal. Depois de ter comido – intimado, na verdade – suas folhas de amoreira, de vegetal, o vegetariano se fecha, certo, ele se intima, mas ele se intima no que a natureza lhe ordena tirar de si, de produzir fora se separando dele e ao mesmo tempo se enterrando nele, o casulo, de secretar em si fora de si, d’*extimar* ... exteriorizar o que ele é e o que vem dele, que ele guarda ou que lhe guarda perdendo-o: a seda como si-mesmo (idem, p. 150-151).

Nesse sentido, entendemos que a escrita de si é sempre escrita do outro, do outro de si, de si no outro, (des)velando e revelando e até mesmo ocultando o que fica visível e invisível ao sujeito, num jogo de possibilidades e impossibilidades que incidem, inevitavelmente, na subjetividade.

2. A trama teórico-metodológica

A trama teórica e metodológica se dá com fios da Análise do Discurso de linha francesa, que se emaranham com alguns fios da psicanálise, que nos permitem compreender o sujeito cindido, clivado, barrado, uma vez que constituído pelo inconsciente, cujas palavras se situam entre a tênue fronteira da possibilidade e da impossibilidade de se dizer, já que o sujeito, de acordo com Robin (1993, p. 07), “fica sempre na borda, na margem, onde o estranho e a

estranheza vêm se atar a ele mesmo, ao maternal, ao fantasma da língua ou a impossibilidade de habitá-la”.

Segundo Robin (1993, p. 28), é a partir da *lalangue* que Lacan entende que o inconsciente é a condição para a língua. A *lalangue* é o lugar onde se aloja o equívoco. Ela é da ordem do real e do inconsciente e mostra-se no funcionamento discursivo. É da ordem do impossível, uma vez que é aquilo que leva à língua e àquilo que a excede:

é também o que Lacan chama de *lalangue*, aquilo que leva uma língua inevitavelmente ao equívoco, aquilo que cria o impossível, o impossível de dizer e o impossível de não dizer; ou seja, ao mesmo tempo o que se refere à língua e o que a excede (*Ibidem*)².

Embora Saussure tenha se empenhado em curar a ferida narcísica, afirma Robin (1993), ele não resolve a contradição que une a língua à *lalangue*; ao contrário, ele torna essa contradição visível. É importante lembrar que a *lalangue* é o lugar onde se mostra o equívoco na língua, é a possibilidade e a impossibilidade do dizer.

No equívoco, o dito vai para além do querer dizer. É dito sempre mais do que o sujeito sabe, ele não sabe bem o que diz, pois um algo a mais sempre é dito, para além da linearização do dizer, que é da ordem do inconsciente, sendo a origem sempre furtada, impossível de ser apreendida. As palavras remetem “sempre a outras palavras, num movimento infinito e interminável, num deslizamento discursivo ininterrupto (...), já que a origem teria sido perdida para sempre e seria algo da ordem do inapreensível” (BIRMAN, 2000, p. 52).

Tais observações nos levam a buscar, no próprio Lacan, a relação estabelecida por ele entre o sujeito e o seu discurso, a partir da máxima: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, porque o inconsciente, segundo o autor, nada mais é do que uma cadeia de significantes sobre os quais não se tem controle (LACAN, 1966, p. 25).

Desenvolvendo essa reflexão, é possível afirmar que o inconsciente, mais do que o lugar privilegiado da subjetividade, é o discurso do Outro, é o desejo do Outro. E é a esse Outro que antecede a própria existência do indivíduo, que ele tem de se assujeitar para constituir-se como sujeito. Nesse embate com o Outro como linguagem, o sujeito se perde e se aliena.

² “C’est aussi ce que Lacan appelle la *lalangue*, ce qui voue une langue à l’équivoque, ce qui fait qu’il y a de l’impossible, de l’impossible à dire et de l’impossible à ne pas dire, à la fois ce qui renvoie à la langue et à ce qui l’excède”.

O sujeito entra no simbólico por uma simbolização da imagem do corpo próprio, por isso mesmo fica definitivamente marcado pela linguagem. A partir daí, a constituição do eu não pode ser mais considerada no eixo especular, mas implicada com o lugar do Outro. O Outro, segundo Lacan, é a matriz simbólica que determina a relação do sujeito com a imagem e o objeto. Cabe lembrar que o *outro* é o semelhante, com quem nos relacionamos e no qual nos reconhecemos, e o *Outro* – tesouro do significante, inomeável, estranho e estrangeiro a mim mesmo – é linguagem, é fala, é resíduo que fica e age, conforme Lacan (1966).

É inaugurada, assim, a questão da subjetividade para um ser falante, isto é *falante (parlêtre)*, porque sujeito a falhas, inscrevendo-se aí a dimensão do desejo que, na busca constante de satisfação, dela está fadado a permanecer separado, já que o desejo é metonímico, sempre adiado, desliza na cadeia do significante. O desejo do sujeito está no desejo do Outro. Nesse sentido, o sujeito lacaniano é um sujeito cindido e a sua totalidade é apenas imaginária. A partir dessa noção lacaniana, entendemos que a identificação é sempre uma captura: aquele que se identifica tem a ilusão de que está capturando o outro, porém é o *si-mesmo* que está sendo capturado.

Em face dessas exposições, compreendemos o sujeito não totalmente livre e controlador de seus discursos e sentidos, mas se movendo entre a incompletude e o desejo de ser completo, marcado pela ilusão de ser a fonte entre o si mesmo e o Outro que o constitui. Essa ilusão é constitutiva e o discurso é, sob esse enfoque, intrinsecamente heterogêneo, vale entender, marcado pela multiplicidade e alteridade. É necessário observar que: “nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentada’” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27).

Essa visão de sujeito introduz a questão da subjetividade, entendida como “um estranho país de fronteiras e de alteridades incessantemente construídas e desconstruídas” (Kristeva, 1994, p. 283). Essa acepção revela a complexidade que envolve o sujeito, inerentemente constituído pela falta, pelo desejo de completude, pelo desejo de querer ser inteiro. É pelo viés da falta que se dão os deslizamentos e as rupturas que fazem e desfazem sentidos, sentidos esses que estão sempre nos limites fugidios da clareza e da obscuridade, do certo e do incerto, do excesso e da falta, do uno e do múltiplo.

Nessa linha de pensamento, afirma Authier-Revuz (1998): “barrado pelo desejo, ele [o sujeito] é a própria expressão de uma divisão (...). E esta polissemia do vocabulário ‘não-um’ – alteridade, heterogeneidade, sujeito dividido, clivado... – constitui um risco pleno de

deslizamentos” (p. 187). Por ser o sujeito o *não-um*, pleno de deslizamentos, torna-se difícil “tocar” todos os fios que constituem a trama do dizer e do fazer do sujeito-professor, objeto deste estudo, uma vez que ele se constitui pela estranheza-alteridade, pela heterogeneidade.

Sendo assim, acreditamos ser necessário seguir o (per)curso da relação sujeito/língua, lembrando que o sujeito não é qualquer falante: é um sujeito que fala do lugar do sujeito-entre-línguas – marcado por deslocamentos, estranhamentos e ainda encontros, reencontros ou desencontros nas línguas – um sujeito que fala e que falta.

Consideramos, via estudos de Robin (1999), Coracini (2007, 2014) e Eckert-Hoff (2010), que o lugar entre-línguas, ocupado pelo sujeito em estudo, é um lugar de conflito, que significa entre-culturas, entre-outros, entre o um e o Outro. Assim, compreendemos que as palavras se situam entre a tênue fronteira da possibilidade e da impossibilidade de se dizer, já que o sujeito, de acordo com Robin (1993, p. 07), “fica sempre na borda, na margem, onde o estranho e a estranheza vêm se atar a ele mesmo, ao maternal, ao fantasma da língua ou a impossibilidade de habitá-la”.

3. Desvelando os *nós* que compõem a trama

O objeto de nosso estudo, como já mencionado, constitui-se de recortes de *Cartas* – entendidas como escritas de si – de sujeitos-imigrantes alemães do sul do Brasil, escritas aos seus familiares da Alemanha, datadas do século XIX e XX. Do vasto *Corpus* coletado, selecionamos, para o presente artigo, quatro recortes discursivos para analisar os enlaces e desenlaces do sujeito na, das e pelas línguas, que revelam incidências na subjetividade do sujeito entre-línguas, seja por ruptura, exílio, seja por hospitalidade.

Kolonie Sant Justa, 27 November 1852

Hier befinden wir uns im Himmel, wir leben wir im gelobten Land. Wir leben als freie Menschen. Niemand verlangt etwas von uns. Wir erwarten, die Kosten unserer Reise bald zu zahlen. Aus dem Wald holen wir, was wir wollen. Ich esse mein tägliches Pfund Fleisch. Über die Getränke gibt es nicht viel zu schreiben; es gibt nur Schnaps. Wenn wir Bier trinken wollen, müssen wir nach Petropolis gehen, 10 Meilen entfernt, wo es deutsche Brauereien gibt³.

³ Colônia Santa Justa, 27 Novembro de 1852: “Aqui nos sentimos no céu, vivemos na Terra Prometida. Vivemos como homens livres. Ninguém exige nada de nós. A despesa da nossa viagem esperamos pagar logo. Da floresta retiramos o que queremos. Como diariamente o meu meio quilo de carne. Sobre as bebidas não há muito o que escrever; só há aguardente. Se queremos beber cerveja temos então que ir até Petrópolis, a 10 milhas de distância, onde há cervejarias alemãs”.

Linie Hof, 18 July 1858

Liebste Mutter, macht euch keine Gedanken um den Jakob, dem geht es gut er lebt immer in Fröhlichkeit er kann Brasilianer sprechen und ist ein guter Maulfechter⁴.

Parana, tem July 1896

Der Deutschbrasilianer liebt die deutsche Sprache als die seines Elternhauses; aber er liebt auch die portugiesische Landessprache als die seiner Jugendgespielen und Freunde. Deutschland ist ihm teuer als das Land seiner Väter, auch wenn er es, wie die allermeisten von uns, nie gesehen hat; aber seine Heimat, also mehr ist im Brasilien, denn hier ist er geboren, gewachsen und geworden⁵.

Vejamos que no primeiro recorte, extraído de Carta escrita em 1852, os dizeres apontam uma preocupação em comprovar que fizeram certo em migrar e por isso mostram o Brasil como o paraíso, o céu (*Himmel*), lugar de terra produtiva; e aparece a satisfação por serem enfim proprietários de terras e por terem exuberância de comida e, em especial, de carne. É importante aqui lembrar que a migração para o Brasil se deu em vista das condições econômicas e sociais que afligiam a Alemanha, especialmente na primeira metade do século XIX, época em que a exclusão social e a fome pairavam na vida dos habitantes e o desejo era migrar para o “Novo Mundo”.

Podemos ver que os dizeres revelam uma satisfação, enquanto imigrantes, por se encontrarem numa situação melhor do que aquela deixada em sua terra. E esse confesso se dá no sentido de afirmar-se como aquele que fez a escolha certa, uma vez que o seu correspondente é um familiar que ficou e que, de alguma forma, ainda que imaginária, intervém para avaliar, julgar, condenar ou inocentar. Podemos observar que o sujeito faz coincidir o real com o imaginário que foi projetado por quem migrou e continuou sendo projetado, muito provavelmente, por quem ficou.

No segundo recorte, considerando que se trata de *Carta* escrita no ano de 1858, chamamos a atenção a referência do sujeito ao saber da língua outra. Ao escrever para a mãe que “*não se preocupe*” com o filho *Jakob* porque ele “*sabe falar brasileiro*” fica implícito que este é um

⁴ Linha Hof, 18 de Julho de 1858: “Mãe Querida, não se preocupe com o Jakob, ele está bem e vive sempre em alegria, ele sabe falar brasileiro e é um bom ‘esgrimista’”.

⁵ Paraná, Julho de 1896: “O brasileiroalemão ama a língua alemã, por ser a língua da casa de seus pais; mas ele ama também a língua do país, o português, por ser a língua dos seus camaradas e amigos desde a infância. Alemanha é para ele cara, é a terra de seu Pai, seus atepassados, mesmo que, como a maioria de nós, nunca a viram. Mas a sua casa (Heimat), assim mais é o Brasil, porque aqui ele nasceu, cresceu e se tornou alguém”.

saber de alguns e indica que a língua alemã é a do falar e do saber comum entre eles. Observe-se que esse saber falar vem procedido da palavra “*Maulfechter*”: *Maul* = boca de animal e *fechter* = esgrimista. É curioso observar que a palavra boca referindo-se à boca humana seria *Mund*, logo, a escrita deveria ser *Mundfechter*. O sujeito escreve (talvez como um lapso? deslize?) “*Maulfechter*”, o que pode ser traduzido como o “esgrimidor em boca de animal”.

Os sentidos que apreendemos desse possível deslize do sujeito ao escrever “*boca de animal*” e “*esgrimidor*”⁶ e em seguida anunciar que “sabe falar o brasileiro” indicia um estilhaçamento no combate entre o saber das línguas, no caso o alemão e o brasileiro, em que a arma (língua) funciona como a lâmina fina que, no combate, procura atingir o corpo do outro. A língua outra, a estrangeira, no caso, a brasileira, conforme nos ensina Celada (2013, p. 55), “poderá vir a constituir o sujeito, chegando a ‘falar por sua boca’”, já que o sujeito, dado os entre-lugares que se atravessam, se e(in)screve na ordem da língua outra, ainda que inconscientemente.

Observe-se que há uma posição “migrante” muito forte nesse dizer, que mostra movências do sujeito – entre-lugares, entre-línguas, entre-culturas, entre-nações – que tramam, inevitavelmente, novas malhas de subjetividade. Vale trazer novamente as palavras da autora, quando afirma que “cada língua, com sua especificidade e como uma função, irá atravessando o campo dessa subjetividade (...) e travando laços com a matéria das outras língua(s) e com a das outras formas de linguagem que habitam esse campo” (ibidem, p. 54). Isso provoca deslocamentos e a inevitável necessidade do sujeito se reterritorializar em outro lugar sujeito-línguas.

No terceiro recorte, escrito por um descendente de imigrantes alemães, chama-nos a atenção, inicialmente, a nomeação “*Der Deutschbrasilianer*” no início da *Carta*, que materializa, no nosso entender, o desejo de marcar o duplo, tanto o *Deutsch* como o *Brasilianer* num só, imprimindo identidades hifenizadas, misturadas. “*Deutschbrasilianer*” comporta dois significados: o Brasil como nova pátria (“*Heimat*” ou “*Vaterland*”) pelo *jus solis*, e a Alemanha como pátria ancestral (“*Urheimat*”) pelo *jus sanguinis*, o que revela marcas de cortes e de

⁶ A série de sentidos registrados no dicionário sobre a palavra “esgrimidor” nos ajuda a recuperar os que emergem no deslize que abordamos. No Dicionário Houaiss (2007) temos: “Esgrimidor: pessoa que domina a arte de esgrimir. Esgrimir: jogar ou manejar espada, florete, sabre (...) fazer movimentos agitados com; vibrar, brandir (...); fazer vibrar com intenção belicosa; manipular como arma em discussão polêmica; travar, combater contra; lutar. Discutir, argumentar, polemizar” (2ª. reimpressão com alterações).

suturas que unem e misturam terra e sangue. Esse duplo *solis-sanguinis* faz (re)soar, num entre-dois, uma nomeação, unindo, aglutinando as línguas, as identidades, as culturas, as nações, nas quais não quer se calar e muito menos apagar.

Observe-se que o artigo definido “*Der*” *Deutschbrasilianer* (“o” brasileiroalemão) captura o sujeito para afirmá-lo numa identificação multiplicada em dois e que, ao mesmo tempo, condensa a “mestiçagem” de nações, de línguas, dada à condição e posição do sujeito migrante, que se materializa na hibridização do eu e do outro, do aqui e do lá, do *Deutsch* e do *brasilianer*.

Mais adiante, essa mestiçagem, introduzida por “*aber*” (mas), materializa-se para unir os opostos pelo “amor da língua”. O amor da e pela língua alemã, que é a língua de seus “*pais e antepassados*”, mas também o amor da e pela língua do país, o brasileiro, que é onde ele “*nasceu, cresceu e se tornou alguém*”. A palavra “*geworden*” foi por nós traduzida por “*se tornou alguém*”, porém, vale dizer que, dada a (im)possibilidade da tradução (no sentido derrideano), essa palavra remete também ao sentido de “criar um nome para si, fazer um nome”. O que vemos é uma posição migrante que clama por marcar um “nome para si” num lugar-língua-nação, em nome do pai simbólico, o que leva o sujeito a se recriar dentro da língua de si e da língua do outro, entre-laçado pelo eco da(s) língua(s) do *Deutsch* e do *brasilianer*. Reportando-nos a Robin (1999), podemos dizer que é a língua de morte contra a língua de vida que faz surgir a terceira língua – aquela em que o sujeito se reinventa, salva e é por ela salvo.

Vemos que exílio e hospitalidade habitam o sujeito *Deutschbrasilianer*: a mãe (nação) está distante e o pai (terra de origem) está morto, utilizando-nos das palavras de Stübe-Netto (2008). E esse luto da origem que se mostra na escrita, se dá pelo confronto com a pluralidade, num gesto de (re)criação, que se mostra por fissuras por onde o sujeito vaza, respira, por onde a falta se deixa ver.

Interessante observar que a palavra *Heimat* não tem uma tradução específica, ela remete a lar, casa, Pátria e abarca o sentido de familiaridade, de lugar onde o sujeito nasce, cresce, conhece e se enlaça, de alguma forma (mesmo que insabida), por fios que constituem memória, cultura, identidade⁷. O excerto “*mas a sua Heimat, assim mais é o Brasil*” aponta, no nosso entender, para um investimento do sujeito na busca de ver como colocar tudo isso num novo

⁷ Podemos dizer que ocorre com a palavra *Heimat* (no alemão) o mesmo que ocorre com a palavra saudade (no português): não se encontra palavra na outra língua para traduzi-la. A tradução de Pátria é *Heimatland*; a de casa e lar é *Haus*.

lugar, implicado pelo sentido da culpa, do pecado. Há uma culpa pelo pai morto, uma necessidade de busca pela redenção, absolvição – daquele do *jus sanguinis*. Redenção esta que o libertaria para a vida na sua nova *Heimat*, a do *jus solis*, por isso a “necessidade” de aliar solo e sangue.

Para Robin (1999), a língua outra, onde se é estrangeiro, de alguma forma é também o *Heim* (lar, no sentido cunhado por Freud), lugar de exílio, onde os traços da língua primeira não se apagam e os traços da língua outra produzem novas marcas, que de alguma forma modificam seu eu, sua assinatura. Há, pois, *os entre-dois* que não se opõem, mas se relacionam entre si por um movimento de travessias, que se marcam por errâncias e inscrições: entre o eu e o outro, entre o lá e o cá, entre o Deutsch e o brasilianer – a mestiçagem e a inevitável incidência subjetiva no sujeito, descendente de imigrantes alemães.

Ainda com esse foco de mostrar as incidências das línguas na subjetividade, vale trazer um recorte de uma *Carta* escrita um século depois por um descendente de imigrante nascido já no século XX, no ano de 1919, no sul do Brasil.

Arroio do Meio 05 März 1987⁸

“Ich heisse Léo Kist, mein Vater heiss Franz Kist, und meine Grossvater Adam Kist. Ich kann noch etvas Deutsch sprechen, aber sehr schlecht schreiben. Deswegen, müssen sie mich entschuldigen, weil ich sicher nicht alles richtig schreiben”.

Vejamos que mais de um século depois, o descendente da segunda geração nascida no Brasil ainda escreve na língua da Pátria de seus antecedentes. Podemos ver que o ato histórico-político da interdição das línguas estrangeiras no Brasil – que provocou o silenciamento das línguas de imigração – não conseguiu apagar e nem mesmo calar a língua alemã. Ela permanece viva, marcada por toda uma história de propagação mas também de exclusão e, de alguma forma, move o sujeito e vigora, ainda que na oralidade, no seio familiar e comunitário.

Observe-se, na *Carta*, a exaltação ao *nome*, trazido para marcar a filiação: o nome do pai, o nome do avô, *Adam Kist*, imigrante alemão que se fixou no sul do Brasil. No nosso entender, o nome é trazido, também, para marcar o Pai simbólico, a língua do pai, rasurada na

⁸ Arroio do Meio, 05 de março de 1987: “Meu nome é Leo Kist, meu pai é Franz Kist e meu avô Adam Kist. Eu ainda sei falar alguma coisa em alemão, mas escrevo muito mal. Por isso o senhor precisa me perdoar porque eu certamente não escrevo tudo corretamente”.

memória. Isso nos leva a verificar que há incidências nas e das línguas, que se marcam na subjetividade do sujeito descendente de imigrante.

O dizer “*ainda sei falar alguma coisa em alemão, mas escrevo muito mal*” desvela um saber da língua que ficou na oralidade, por isso, as escusas por considerar que a escrita poderia estar mal e talvez até incorreta. Há uma imagem de língua idealizada como perfeita que permeia o dizer, por isso talvez o pedido “*o senhor precisa me perdoar*”. O verbo precisar indicia um gesto forte de investimento do sujeito para chegar na língua do outro (mas que em certa dimensão também é sua), por isso ela não poderia ser maculada, perfurada. Daí a necessidade do perdão diante de possíveis erros, no desejo de chegar no possível, roçando o impossível.

Coadunado-nos com Kristeva (1992) podemos dizer que o luto da língua primeira (no caso, a alemã) nunca pode ser totalmente concluído, pela impossibilidade de seu esquecimento, já que esta, de alguma forma, habita o sujeito. E por estar *sempre-já-lá*, é projetada e reapropriada, ainda que inconscientemente, na língua de adoção (no caso, a portuguesa). Podemos verificar que a língua de imigração não morre para o sujeito, já que são inevitáveis as incidências das línguas na história de formação linguística, na subjetividade.

4. Tecendo o acabamento...

Nosso estudo evidencia que é preciso pensar a relação do sujeito na língua, da língua, pela língua, inserido em contexto de imigração, para que as línguas – seja a materna, a segunda, a nacional, seja a estrangeira –, possam ser pensadas como desdobramentos da relação sujeito-línguas, e também como investimentos do sujeito (conscientes e inconscientes) feitos nas malhas de sua identidade, subjetividade, ao longo de sua história de formação linguística.

Isso nos leva a concordar com Robin (1999), de que a língua outra, de alguma forma é também o *Heim* – lar, no sentido cunhado por Freud (1919) –, lugar de exílio, onde os traços da língua primeira (dita materna) não se apagam e os traços da língua outra (a dita estrangeira) produzem novas marcas, que de alguma forma modificam seu eu, sua assinatura.

Isso nos leva a dizer que há sempre um processo de ruptura, de rejeição, de captura de enraizamento, de hospitalidade, de exílio, na relação do sujeito com a(s) língua(s). Em vista disso, a relação dos sujeitos-enunciadores com as línguas deixa rastros, ressonâncias, produz memória, desse modo incidindo e desdobrando, inevitavelmente, efeitos e transformações na constituição da subjetividade.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 19. Trad. C. M. Cruz e J. W. Geraldi. Campinas: IEL / UNICAMP, p. 25-42 1990.

_____. **Palavras incertas. As não-coincidências do dizer**. Trad.: C. R. Pfeiffer. Campinas: UNICAMP, 1998.

BIRMAN, J. **Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

CELADA, M. T. Linguagem/sujeito: forçando a barra em língua estrangeira. *In*: CARMAGNANI, A. M. G.; GRIGOLETTO, M. (orgs.). **Língua, discurso e processos de subjetivação na contemporaneidade**. São Paulo: Humanitas, 2013.

CORACINI, M. J. **A celebração do outro arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas: Mercado de Letras, 2007..

_____. Discurso e Escrit(ur)a: entre a necessidade e a (im)possibilidade de ensinar. *In*: CORACINI, M. J.; ECKERT-HOFF, B. M. (orgs.). **Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela: alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

_____. Identidade e (língua)cultura no livro didático de Francês, língua estrangeira. *In*: PINTO, M. L. & al. (orgs) **Ensino de linguagens: diferentes perspectivas**. Curitiba: Appris, p.11-34, 2014.

DERRIDA, J. **O monolinguismo do outro: ou a prótese de origem**. Trad.: F. Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.

ECKERT-HOFF, B. M. (Dis)sabores da língua ma(e)terna: os conflitos de um entre-lugar. *In*: CORACINI, M. J.; ECKERT-HOFF, B. M. (orgs.). **Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela: alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

FREUD, S. **O Estranho**. Obras completas de Freud em Cd-rom, 1919.

GRIGOLETTO, M. Sujeito, subjetivação, inconsciente e ideologia. *In*: CARMAGNANI, A. M. G; GRIGOLETTO, M. (orgs.). **Língua, discurso e processos de subjetivação na contemporaneidade**. São Paulo: Humanitas, 2013.

KRISTEVA, J. En deuil d'une langue? *In*: CZECHOWSKI, N.; DAN-ZIGER, C. **Deuils: vivre c'est perdre**. Paris: Autrement, p. 27-32, 1992.

_____. **Estrangeiros a nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LACAN, J. **Escritos**. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROBIN, R. **Le deuil de l'origine**: une langue en trop, la langue en moins. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 1993.

_____. **L'immense fatigue des pierres**: biofictions. Montréal: XYZ, 1999.

STÜBE-NETTO, A. D. **Tramas da subjetividade no espaço entre-línguas**: narrativas de professores de língua portuguesa em contexto de imigração. Tese de Doutorado. IEL/Unicamp, 2008.

Artigo recebido em: 15.03.2016

Artigo aprovado em: 17.06.2016